

O problema do livre arbítrio

Colocar o problema do livre-arbítrio é colocar um dos problemas centrais da Filosofia da Acção que pode ser formulado deste modo simples: temos ou não livre-arbítrio?

Por não concordar com a tese de que o livre-arbítrio seja uma ilusão, vou argumentar a favor da tese inversa – a de que temos livre-arbítrio.

Pressupor que o livre-arbítrio é uma ilusão leva-nos a pressupor que o determinismo radical é verdadeiro, o que por sua vez nos leva à chamada objecção fenomenológica ao determinismo radical. Esta objecção constitui uma forte evidência racional contra aquela teoria filosófica. Passamos a expô-la:

Não podemos deixar de pressupor o livre-arbítrio no que diz respeito à acção humana. Por vezes quando agimos temos a sensação de liberdade, de que o que estamos a fazer, seja discutir ou outra coisa qualquer, é espontâneo. Agir é, pois, pressupor o livre-arbítrio. Mas a tese defendida pelo determinismo radical implica que a sensação de livre-arbítrio seja uma ilusão, isto é, aquilo que experimentamos é um erro sistemático que não podemos corrigir, o que enfraquece a teoria, pois uma teoria que implique que fazemos um erro sistemático é menos plausível do que uma teoria que não implique esse erro sistemático. Neste caso as teorias compatibilistas – como o determinismo moderado – ou até o libertismo não implicam que o livre-arbítrio seja um erro sistemático. Ora, isto faz com que neste ponto estas teorias ganhem vantagem em relação ao determinismo radical, o que é mesmo que dizer que ganha vantagem a tese de que temos genuíno livre-arbítrio, ainda que limitado pelas condicionantes físicobiológicas e histórico-culturais próprias da nossa espécie.

Vivemos, até certo ponto, num universo físico determinista (com exclusão ao que parece do domínio microfísico), em que as leis da natureza e os acontecimentos anteriores determinam a posição da Lua em relação à Terra, por exemplo. E muitas das nossas acções (ou talvez mesmo todas) são influenciadas por acontecimentos anteriores, como o exemplo de chumbar de ano é o resultado de uma cadeia causal de não se ter estudado, de se ter falta de atenção ou até de se ter faltado às aulas. Mas quando tomamos genuinamente uma decisão, temos livre-arbítrio, pois podíamos ter escolhido outra coisa para além daquilo que decidimos. Logo, nas nossas genuínas acções o livre-arbítrio não é uma ilusão, o que significa que a tese de que temos livre-arbítrio é verdadeira, apesar de não haver uma teoria totalmente satisfatória que justifique este fenómeno humano. Mas a inexistência de prova cabal não implica a prova de inexistência, neste caso de livre-arbítrio. E o chamado ónus da prova cabe aos defensores do determinismo radical e não aos defensores das outras teorias, pelas razões atrás expostas. Logo, temos livre-arbítrio mesmo no caso de ainda não dispormos de uma teoria totalmente aceitável – se é que alguma vez poderemos dizer que a poderemos vir a ter – sobre este arreigado fenómeno humano.